

SELETA

CARNEIRO DE BATALHÃO, ÁGUIA DE HAIA

Roberto Macedo

Rui nasceu franzino e franzino viveu, pouco a pouco logrando excepcional resistência, destoante da impressão causada pelo físico; Floriano nasceu robusto, cresceu atlético, notável na Escola Militar e fora dela por musculatura e agilidade;

Rui compensava o ingrato arcabouço carnal com apuro de maneiras, esmerado na cortesia e no vestuário, luvas, bengala encastoadada, espelhante cartola, sobrecasaca do melhor feitio; Floriano acabou meio achamboado, simplório demais para sua posição político-social, transportando-se prosaicamente em bondinhos a burro;

Rui, no Senado, varava o adversário aparteante com olhar aquilino, sinal certo de réplica bravia e premeditada; Floriano, sempre cortês mas sem artifício, vagava o olhar mortício em torno do interlocutor ou fixava-se nele demasiado perquiridoramente;

Rui, a alocação, o herói parlante; Floriano, a mímica, o herói silencioso;

Rui não sabia calar-se, elegante na linguagem, afeito a guerrilhas tribunárias, incapaz de ouvir aparte sem revide, proviesse embora dos corredores do Senado; Floriano não sabia falar, sofredor sem gemido, surdo ou indiferente ao sibilar de calúnias, campeão nacional do laconismo;

Rui discursava como se dispusesse de duas bocas, “prodigiosa máquina de falar admiravelmente” (Afonso Celso); Floriano escutava como quem possui dois ouvidos, propenso ao conselho do sábio da Guia: ouve mais e fala menos, já que a natureza nos outorga dois ouvidos e uma só boca;

Rui, ateniense desgarrado; Floriano, espartano retardatário;

Rui, em freqüentes atritos, era tempestuoso, flamante, quase sempre personalista e mesmo no domínio abstrato das idéias e princípios via não raro a refração do seu próprio eu; Floriano, em permanente autocontenção, até certo ponto estóico e cético; era bonançoso, incombustível, impessoal, imperturbável diante do perigo, deixando a oitrem ao tempo e aos fatos a tessitura de sua defesa;

Rui, estuante potencial energético; Floriano, potencial energético recôndito;

Rui não dava piparote na barriga de ninguém e se em casa era o bom velhinho ou o vovô coruja, na vida pública rejeitava subjugações e compadrios (frase de Campos Sales: “Em Rui, depois que tirou as cangalhas do Dantas, ninguém mais monta”); Floriano, em exercício da presidência da República, foi visto almoçando a sós com um pretinho velho, antigo companheiro seu de sacrifícios na brutal contingência da guerra;

Rui, filho pródigo da Arte arrastado à política, viu diante de si abrirem-se as portas da glória, em cenáculo internacional onde só expoentes competiam; Floriano entrou para a História como rijo sertanejo, produto nacional genuíno, brasileiro e descendente de brasileiros, quintessência portanto do nacionalismo; para estudá-lo não basta a biogenética o psico-gênese individual;

Rui ainda não atingira dimensões de águia no final do século XIX, mas em remíngios de Aiglou já se emplumava; Floriano valeu como “preparo técnico dos mais razoáveis” ensejado por “inteligência agudíssima”, conforme textuais expressões de Batista Pereira;

Rui irrompe de cratera, é sonoridade, é luz, é força, não pode passar despercebido; Floriano caminha para nós serenamente, como quem surge vagaroso da orla de um nevoeiro lendário;

Rui encara os fatos como se contra ele reiteradamente ocorressem; Floriano, como quem deles se aproveita na tranqüila certeza do bom termo;

Rui viveu períodos de esplendor e períodos de esmaecimento, proclamado “gênio da raça latina” e até mesmo “sol” (“Apagou-se o Sol”, manchete da “Gazeta de Notícias” ao anunciar sua morte), mas injustamente preterido por futriquices eleitoreiras, vencido no 8º distrito da Bahia pelo deputado Dr. Inocêncio Marques de Araújo Góes, consecutivamente em 1885 pelo deputado Dr. Pereira Franco Filho, em 1888 como candidato à vaga do deputado Dr. Luiz Acioli Pereira, em 1910 como candidato à presidência da República, em 1919 por Epitácio Pessoa, cuja vitória não contesta, mesmo porque entrara na luta ciente “de antemão... da derrota”, sendo de notar que depois de certa fase a Bahia *mater* sempre o consagrou com memorável triunfo, não mais vislumbrando nele o político e sim o filho dileto; Floriano, jamais foi vencido, soldado raso, cabo, sargento, aluno da Escola Militar, 2º tenente, 1º tenente, capitão por bravura, major por bravura, tenente-coronel, coronel, brigadeiro, presidente de Mato Grosso, ajudante-general ou chefe do Estado-maior, tenente-general ou marechal, ministro de Guerra, vice-chefe do governo provisório, senador

por Alagoas, conselheiro do Conselho Supremo Militar, ministro do Supremo Tribunal Militar, vice-presidente da República, presidente em exercício sempre se intitulando vice-presidente, marechal de ferro, consolidador — existência pletórica, desdobrada no decorrer de dois regimes e mais ou menos vinculada aos três poderes, “órgãos da soberania nacional”, como se dizia na época.

(Dois amigos, Floriano e Rui, em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, vol. 322, jan/mar. de 1979, pp. 194 a 197).

*

*

*